

## DA ORALIDADE À ESCRITA, UM CAMINHO A PERCORRER

Ana Lygia Cunha  
Universidade Federal do Pará

- **RESUMO:** *As oficinas de recepção e produção de textos que são realizadas por subprojetos do Programa Integrado de Pesquisa "O Imaginário nas Formas Narrativas Oraís Populares da Amazônia Paraense" (IFNOPAP) buscam oferecer à comunidade universitária e aos professores das redes de ensino pública e privada de Belém e interior do Estado do Pará um trabalho sobre o texto que vá além das chamadas "técnicas de redação", ou seja, que se proponha a preencher lacunas normalmente deixadas por um sistema de ensino/aprendizagem que ainda se esgota na análise gramatical e, por isso mesmo, perde oportunidades de abordar aspectos imprescindíveis para a construção de uma unidade textual. Entre esses aspectos pode-se apontar a interferência que a realidade oral exerce sobre a escrita, aliás um dos fatores com os quais o professor de língua portuguesa deve trabalhar em sua prática de sala de aula.*
- **PALAVRAS-CHAVE:** *Linguística; Linguística Aplicada; Ensino.*
- **ABSTRACT:** *The research project "Workshop of texts reception and production: from orality to writing" wants to offer the universitarian community and the teachers of public and private schools of Pará a work about the text that is ahead of the redaction technics. The project proposes a better way of teaching Portuguese based on the text (the true linguistical unit). One of the aspects that are important to this teaching is the interference of the oral reality in the writing.*
- **KEY-WORDS:** *Linguistics; Applied Linguistics; Teaching.*

*"E me parece muito mais lógico partir da modalidade de língua oral, que tanto o aluno quanto o professor dominam, para se chegar ao ensino da escrita. Desta maneira, diminuem as dificuldades que o aluno tem que enfrentar ao aprender a modalidade escrita." (Eunice Pontes)*

Há anos (ou talvez décadas) vem-se discutindo, no âmbito da Linguística Aplicada, o verdadeiro objeto do ensino de língua portuguesa no Brasil. As críticas ao trabalho que

tradicionalmente vem sendo feito têm como principal argumento os resultados desse ensino: os alunos saem da escola com dificuldades para se expressar por escrito.

Depois de tanta discussão e de tantos trabalhos favoráveis a um ensino de língua com objetivos diferenciados — convergindo para a formação de um produtor de textos mais seguro —, o que se percebe é que nossos alunos do Curso de Letras deixam a universidade cientes de que o que se tem feito não está trazendo resultados satisfatórios, talvez cientes dos princípios de um trabalho que se proponha a preencher as lacunas normalmente deixadas, mas geralmente sem ter certeza de como realizar tal trabalho.

Na verdade, um ensino/aprendizagem diferente do tradicional não se pode basear em um ou dois princípios, mas em muitos, que também há algum tempo vêm sendo explicitados através da literatura de que se dispõe nos últimos anos. Tais princípios comumente consistem:

- a) em uma nova concepção de língua, gramática e regras por parte do professor;
- b) na consideração da variação (decorrente da relação da língua com aspectos sociais, culturais, geográficos, históricos, etc.);
- c) no ensino de língua portuguesa baseado em três atividades básicas — leitura, produção de textos e análise lingüística (Geraldí, 1997).

No que diz respeito ao objeto desse ensino, parece não mais haver dúvidas de que devemos ensinar a língua padrão (Possenti, 1996), mas há que se deixar claro o que vem a ser padrão em um ensino que parta de uma perspectiva diferente da vigente. Se se considerar a gramática como conjunto de regras das quais o falante nativo lança mão para interagir, admite-se, obrigatoriamente, a existência de vários padrões e a necessidade de se trabalhar, na escola, com outros além daquele considerado modelo pela gramática normativa.

Além disso, a experiência com o ensino/aprendizagem da língua materna evidencia a interferência da oralidade na escrita. Em seus trabalhos, um número cada vez maior de lingüistas chama a atenção para a necessidade de se observar as diferenças entre duas modalidades distintas: a fala e a escrita. Não se admite hoje em dia, portanto, dizer ao aluno que “ele deve falar do jeito que escreve”.

Nesta perspectiva, atribui-se à escola a função de ensinar as especificidades da escrita, sem negligenciar o conhecimento que o falante tem da língua materna e que é exercitado no dia-a-dia principalmente através da oralidade.

Não seria válido, então, usar a realidade oral como um recurso a mais no trabalho que vise ao desenvolvimento de um produtor de textos escritos partindo justamente das diferenças (e semelhanças) entre tais modalidades? Qual a importância do professor neste processo de reconhecimento dessas diferenças?

Para Ingedore Koch, “levando a criança a perceber que o texto escrito difere daquele que usa na interação face-a-face, tendo, portanto, suas especificidades, esta acabará por construir um outro modelo de texto — o do texto escrito — e será capaz de — *quando necessário* — utilizar os recursos próprios desta modalidade, evitando as interferências da oralidade em sua escrita” (s/d, p. 5).

As Oficinas de Recepção e Produção de Textos, subprojeto de pesquisa integrado ao programa “O Imaginário nas Formas Narrativas Oraís Populares da Amazônia Paraense” (IFNOPAP), partem desses pressupostos e se propõem a mostrar as possibilidades de realizar aquele trabalho.

Iniciadas em outubro de 1997, estão sendo ofertadas, a princípio, para alunos do Curso de Letras da Universidade Federal do Pará, futuros professores de língua portuguesa, e têm entre seus objetivos instrumentalizar o professor para proceder a um trabalho que auxilie o produtor de textos em formação a percorrer o caminho que começa na fala — modalidade da língua materna que ele já domina — e tem seu fim (ou o começo do fim) no texto escrito.

O trabalho em sala de aula que utilize a realidade oral como recurso para o ensino de língua materna pode considerar, portanto, as diferenças entre as duas modalidades e, através de atividades práticas, levar o aluno a percorrer o caminho entre ambas. Aproveitando-se o máximo possível o material coletado por entrevistadores ligados ao IFNOPAP — transcrições de narrativas de pessoas comuns —, parte-se para a explicitação de tais diferenças no que concerne a aspectos como:

- a) a importância dos marcadores conversacionais no texto oral — suas diferentes funções — e a possibilidade ou não de usá-los no texto escrito;
- b) a construção da coesão e da coerência em textos orais e escritos;
- c) a argumentação e seus recursos em ambos os tipos de textos.

Tais diferenças se devem, como tentamos mostrar a nossos alunos, ao fato de o texto oral e o texto escrito terem características diferentes e específicas.

No planejamento reside uma das grandes diferenças entre as duas modalidades e decorre disso o uso diferenciado dos elementos coesivos. Se na fala o tempo entre a planificação e a textualização (Dahlet, 1994) é significativamente menor — praticamente simultâneas —, além do fato de os interlocutores estarem “em presença”, os referentes podem estar inseridos na própria situação discursiva e podem não estar explicitados no texto. Já no caso da produção escrita tais elementos devem necessariamente fazer referência a algo que esteja contido na unidade textual (pelo menos em princípio é isso que se espera de um texto coeso e coerente).

Um outro aspecto decorrente dessa diferença, no que diz respeito ao nível de planejamento, é o uso da repetição, tão comum e necessária na fala. Nesta modalidade, a repetição chega a ser elemento que estabelece coesão, enquanto que na escrita pode chegar a ser um perturbador desta.

As marcas conversacionais, por sua vez, são absolutamente úteis na oralidade e evitáveis na escrita, salvo em discurso direto. Nesse caso, aliás, tem-se tais marcas como um recurso a mais para estabelecer a coerência argumentativa do texto, pois a maneira de falar dos personagens pode ser um indicador do tipo de pessoa que ele é — suas características individuais, socioculturais, etc. — e ajudar o leitor a prever suas atitudes, por exemplo.

O trabalho nas Oficinas tem servido principalmente para fazer o aluno de Letras perceber todas essas diferenças na prática e, o mais interessante, em sua própria produção.

O fragmento de narrativa oral abaixo, de uma das alunas das Oficinas, pode ser ilustrativo<sup>1</sup>:

“A história que eu conheço da moça do táxi eu já ouço falar desde criança... **que** a história começa mais ou menos assim... **que**... é... determinada noite um taxista... fazendo, né?, a ronda no seu táxi foi e encontrou... pegou uma determinada moça em frente ao cemitério. Essa... essa moça... que pegou o táxi... ela se destacava por ser uma moça... é... jovem, estar vestida de branco e quando ela entrou no táxi ele sentiu que... ela... ela usava... ela exalava na verdade um perfume muito forte de rosas. (...)”

Uma das características deste fragmento, que merece comentário (não só aqui, mas na Oficina), é a presença de marcadores da oralidade, como *que*, *é* e *né*, que nesse fragmento exercem funções bastante importantes na construção do texto oral. Sobre o primeiro e o segundo pode-se dizer que desempenham função conversacional (Marcuschi, 1986), ou seja, eles parecem estar sendo usados pela aluna para ganhar tempo para (re)organizar o seu discurso e não são elementos constituintes dos enunciados da narrativa (não têm função sintática). Já o marcador *né* parece funcionar como sinal de

<sup>1</sup> Em anexo, uma das versões escritas da narrativa *A moça do táxi*.

sustentação de turno, usado pela aluna para conseguir o assentimento dos ouvintes (a forma indagativa reforça essa idéia).

Um outro aspecto interessante dessa narrativa é o uso de elementos de coesão diferentes em um mesmo ponto — “Essa... essa moça... que pegou o táxi... ela se destacava por ser uma moça... Sua autora reconhece que *essa moça* e *ela*, neste caso, desempenham a mesma função coesiva.

Além disso, tem-se comentado, em sala de aula, aspectos como a repetição de palavras, a organização e reorganização do enunciado — no fragmento em questão é o que ocorreu com a substituição do verbo *usar* por *exalar* —, o uso de construções regionais, como “(o motorista) foi e encontrou...”, “pegou e saiu”<sup>2</sup>, etc.

O que tentamos conseguir, com essa discussão, é fazer o aluno/futuro professor perceber o que implica o uso desses recursos na produção escrita.

Espera-se, com todo este trabalho, deixar claro para o futuro professor em que sentido se pode usar o modelo de texto oral, que a criança já conhece, para se ensinar as especificidades do texto escrito, formando um produtor de textos mais seguro e eficaz.

Percebendo que, mesmo intuitivamente, este futuro professor, enquanto usuário da língua, trabalha com as diferentes características das duas modalidades textuais, torna-se mais fácil levar seu aluno a percorrer o mesmo caminho, que vai da oralidade à escrita.

<sup>2</sup> Os verbos *ir* e *pegar* nestes casos não têm como função expressar ações verbais, sendo marcadores no texto oral.

## ANEXO

### A moça do táxi

Essas histórias correm em Belém...

Todos já ouviram falar de um motorista que, depois de uma longa jornada de trabalho, sentindo-se fatigado, decidiu descansar...

Sem conseguir mais distinguir, com clareza, as imagens que desfilavam na paisagem urbana, que se desdobrava ante os olhos sonolentos, pensou:

— Vou me recolher.

Atravessava com certa preocupação um dos túneis de mangueiras da cidade, de um verde escuro tão habitual, quando uma sombra avultou-se em meio às tantas outras sombras da noite...

— Ainda mais essa! E eu que já me sentia no quentinho dos lençóis! Mas, nesses tempos de vacas magras, como rejeitar passageiro?...

Meio a contragosto, parou. E ainda precisava ser delicado... àquela altura...

Mas depois que pôde vê-la direito, já dentro do carro, e pôde apreciar sua beleza mais detidamente, enquanto se dirigia a ela, foi acometido de um sentimento estranho. A moça era linda. Morena, de traços finos e negros cabelos que escorriam por suas costas, tinha um sorriso maravilhoso que transmitia uma paz indescritível! Vestia um longo vestido branco que lhe conferia uma aparência divina.

— Pois não, senhorita!

Ainda sorrindo, respondeu a passageira:

— São Jerônimo, 1967, por favor.

— Ah, a senhorita quer dizer Governador José Malcher, não é?

— Para mim ela será sempre São Jerônimo...

A corrida seguiu sem contratemos.

No número indicado, o motorista parou e, após alguma hesitação, informou o preço da corrida:

— Deu oito reais, senhorita.

Silêncio por alguns minutos. Então, com a voz meio trêmula, de quem se desculpa:

— Ah, o senhor não me queira mal, mas não tenho o suficiente para lhe pagar. O senhor poderia passar, amanhã, durante o dia? E desculpe-me por esta falta.

— Não tem problema, senhorita. Amanhã dou uma passadinha...

Depois disso, o motorista foi para casa, convencido de que estava muito cansado e não poderia continuar dirigindo. Passara a noite tendo

sonhos maravilhosos com aquela linda jovem que ele trouxera àquele endereço, mas em seus sonhos era ela que o levava, de mãos dadas, por campos verdes cheios de flores e pássaros que voavam e cantavam alegremente a sua volta. Acordara descansado como nunca e estava feliz por ter a chance de vê-la novamente, mesmo que fosse pela última vez e apenas por um breve momento.

No dia seguinte, após as duas primeiras corridas, o táxi estacionou em frente ao número 1967 da Avenida Governador José Malcher.

Uma senhora de ar distinto, parecida com a moça de seus sonhos — provavelmente sua avó, pois aparentava ter uns cinquenta e cinco anos de idade — abriu a porta em atendimento aos três toques da campainha.

— Pois não, o que o senhor deseja?

— Olhe, eu só vim receber o dinheiro da corrida.

— Corrida, senhor?

— É que a senhorita, a senhorita que eu deixei aqui ontem à noite, disse que não tinha dinheiro. Ela disse pra eu passar hoje... e...

— Desculpe, senhor, mas aqui não mora nenhuma senhorita.

— Mas, como?... Eu tenho certeza! Tenho toda a certeza de que a deixei aqui... Ela era linda e estava toda de branco... Parecia uma santa, com um vestido assim, todo rodado, branco e largo... Aí, quando eu parei o táxi ela disse que não podia pagar a corrida e...

— Senhor, entre, por favor.

Meio desconfiado, o motorista entrou. Era uma casa antiga, grande e arejada, dessas que têm as paredes impregnadas de lembranças das pessoas que nelas viveram.

— Espere um pouco — pediu a senhora. — Sabe, quero que o senhor me conte direito esta história porque não é a primeira vez que acontece de chegar aqui um motorista de táxi para receber o pagamento da corrida que uma moça fez. É estranho, nesta casa só moramos eu e meu marido e não recebemos nenhuma visita ontem. Acho que está havendo algum engano...

— Não, minha senhora, não houve engano nenhum...

E parou de falar de repente... imaginara ter resolvido o problema. Dentre alguns retratos que pendiam da parede, no fundo da sala, estava o da sua passageira, linda como ele a vira na noite anterior.

— Pronto, senhora! Foi aquela! Aquela moça do retrato da esquerda. Foi ela que eu trouxe, ontem à noite.

— Sinto muito... mas o senhor não pode tê-la trazido aqui ontem à noite! Aquela é minha única filha e ela morreu há trinta anos...

— Mas, como, morreu? Eu a vi ontem, minha senhora, acredite em mim! Ela estava tão linda quanto está naquele retrato, com aquele mesmo

vestido. Alguém que tem aquele sorriso maravilhoso, capaz de despertar o sentimento que eu tive ao vê-la não pode estar morta! A senhora deve estar enganada!

Sim, seu sorriso, como tudo nela, era maravilhoso, mesmo. Minha filha foi um vento fresco que passou por nossas vidas e foi embora tão cedo! Mas, pense bem, se eu estivesse enganada — ai, quem me dera! — e ela estivesse viva, não seria tão jovem, pois este retrato foi pintado por um amigo de meu marido um ano antes de sua morte, e eu já lhe disse que ela morreu há trinta anos.

O motorista estava de olhos vidrados no retrato.

— Meu Deus, como é que pode?... — e voltando-se para a dona da casa — A senhora pode me contar como ela morreu?

— É ainda muito difícil, para mim, recordar o que aconteceu, apesar de tanto tempo ter passado. Mas eu vou lhe contar. Minha filha vinha de uma festa na casa que abrigava idosos carentes na periferia da cidade, onde trabalhava como voluntária. Vinha caminhando, provavelmente feliz porque havia preparado a tal festa com muito carinho, quando foi colhida por um táxi cujo motorista confessou ter dormido ao volante devido ao cansaço. Foi muito difícil para nós não só sua terrível perda, pois ela era tudo o que nós tínhamos, era a alegria de nossas pobres vidas, mas perdoar aquele motorista, deixar de culpá-lo pela morte de nossa filha. Ele, como nós, ficou desesperado com o que aconteceu, dizem que até parou de dirigir, traumatizado.

— E agora ela vem trazer belos sonhos aos motoristas de táxi que já estão cansados depois de um dia de trabalho...

— O senhor acredita mesmo nisso? — perguntou-lhe a senhora, intrigada.

— Eu tenho certeza. Ela não só perdoou aquele motorista como tem cuidado de todos nós, minha senhora.

Depois de alguns minutos contemplando, com um sorriso nos lábios, a visão que lhe fez tanto bem, o rapaz levantou-se, beijou as mãos da senhora e saiu em silêncio daquela casa repleta de paz. Só quando estava na rua se deu conta de que tinha encontrado aquela linda moça em frente a um dos cemitérios mais antigos de Belém.

Adaptação feita pelas professoras Socorro Simões e Ana Lygia Cunha das narrativas coletadas no IFNOPAP sobre *A moça do táxi*.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- DAHLET, Patrick. A produção da escrita: abordagens cognitivas e textuais. *Trabalhos em lingüística aplicada*. Campinas, n. 23, p. 1-129, jan./jul. 1994.
- GERALDI, João Wanderley (Org.). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 1997.
- KOCH, Ingedore G. V. *Interferências da oralidade na aquisição da escrita*. Mimeo.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.
- POSSENTI, Sirio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.